ENTRE O ESPELHO E AS TELAS: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOS ADOLESCENTES EM TEMPOS DE REDES SOCIAIS

BETWEEN THE MIRROR AND THE SCREENS: THE CONSTRUCTION OF ADOLESCENT IDENTITY IN THE AGE OF SOCIAL NETWORKS

ANA BEATRIZ **SILVA**[1], MARIA JULIA FAGUNDES DA **SILVA**[1], DIEGO ZANELATO LOURENÇO DE **SOUZA**[2], CARLA ELIZA RODRIGUES **MACHADO**[3*]

1. Acadêmicas do curso de graduação em Psicologia da Faculdade UMFG, Cianorte, Paraná, Brasil; **2.** Docente do curso de Psicologia da Faculdade UMFG, Cianorte, Paraná, Brasil; Mestre em Gestão do Conhecimento nas Organizações pela Universidade Cesumar – UniCesumar; **3.** Orientadora e Docente do curso de Psicologia da Faculdade UMFG, Cianorte, Paraná, Brasil; Mestre em Promoção da Saúde pela Universidade Cesumar – UniCesumar.

*Av. Dr. Luiz Teixeira Mendes, 1798, Zona 05, Maringá - PR, CEP: 87015-001. carla.machado@umfg.edu.br

Recebido em 04/11/2026. **Aceito** para publicação em 06/11/2026

RESUMO

Este estudo analisou a influência das redes sociais na construção da identidade de adolescentes por meio de uma revisão sistemática da literatura, conduzida conforme as recomendações PRISMA, com buscas nas bases SciELO, Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), PubMed e Portal de Periódicos da CAPES, que resultaram em quatorze estudos publicados entre 2020 e 2025. Os achados evidenciaram que a identidade adolescente se constrói na interação entre experiências *online* e *offline*, formando uma identidade híbrida, e que o uso intensivo das redes sociais pode afetar a autoestima, a percepção corporal e o bem-estar, especialmente entre meninas. As redes sociais constituem a principal fonte de comunicação e informação desse público, que as acessa cada vez mais cedo, frequentemente por influência de adultos ou por necessidade de pertencimento. O funcionamento algorítmico das plataformas favorece a exposição seletiva a conteúdos, incluindo desinformação, o que pode contribuir para visões limitadas da realidade e para pressões sobre a aparência corporal e o comportamento. Conclui-se que as redes sociais desempenham papel significativo na construção da identidade dos adolescentes, com efeitos ambivalentes: favorecem a expressão, o pertencimento e o desenvolvimento identitário, mas também intensificam a comparação social, a dependência de validação externa e o sofrimento psíquico.

PALAVRAS-CHAVE: adolescente; construção de identidade; redes sociais; saúde mental.

ABSTRACT

This study analyzed the influence of social media on adolescent identity construction through a systematic literature review conducted according to PRISMA recommendations, with searches in the SciELO, Virtual Health Library (BVS), PubMed, and CAPES Journal Portal databases, which yielded fourteen studies published between 2020 and 2025. The findings showed that adolescent identity is constructed through the interaction between online and offline experiences, forming a hybrid identity, and that intensive social media use can affect self-esteem, body perception, and well-being, especially among girls. Social media is the main source of communication and information for this population, who access it at increasingly younger ages, often influenced by adults or by a need for belonging. The algorithmic functioning of the platforms favors selective exposure to content, including misinformation, which may contribute to limited views of reality and to pressures regarding body appearance and behavior. We conclude that social media plays a significant role in adolescent identity construction, with ambivalent effects: it fosters self-expression, belonging, and identity development, but also intensifies social comparison, reliance on external validation, and psychological distress.

KEYWORDS: adolescent; identity construction; social media; mental health.

1. INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, o avanço das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) tem contribuído para o surgimento de novas formas de interação em sociedade. O crescimento dessas tecnologias tem impactado significativamente a forma como as pessoas se comunicam, captam e compartilham informações e formam opiniões, além de promover formas de interação cada vez mais mediadas pelas telas. Para além da expansão da comunicação, o avanço das TICs influenciou transformações profundas na subjetividade e no comportamento das pessoas no âmbito das redes sociais[1].

A partir da pesquisa do Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br)[2], no Brasil, cerca de 93% da população de 9 a 17 anos é usuária de Internet, o que representa cerca de 25 milhões de crianças e adolescentes. Entre os participantes, 83% dos entrevistados afirmaram utilizar

as redes sociais com frequência. Entre adolescentes de 15 a 17 anos, 99% dos participantes possuem ao menos um perfil nessas plataformas[2]. Esses ambientes digitais passaram a constituir espaços de expressão, socialização e pertencimento, nos quais os adolescentes estabelecem vínculos, compartilham experiências e encontram outros sujeitos que também vivenciam processos de construção identitária[3].

A adolescência, segundo Papalia *et al.* (2016)[4], corresponde a um período prolongado de preparação para a vida adulta, marcado por mudanças e desafios, mas também por oportunidades de crescimento, como a conquista da autonomia, a redefinição das relações e uma nova desenvoltura nos relacionamentos interpessoais.

Neste contexto, Aberastury & Knobel (1981)[5] destacam que a entrada da criança no mundo adulto ao mesmo tempo em que é desejada também é temida, pois representa para o adolescente a perda definitiva de sua condição de criança. As mudanças psicológicas que ocorrem nesse período estão diretamente relacionadas às transformações corporais e implicam uma nova forma de se relacionar com o mundo. Ao inserir-se no mundo com o corpo transformado, o adolescente também modifica sua autoimagem e precisa construir uma nova identidade, bem como uma ideologia pessoal que lhe permita adaptar-se ao meio ou transformá-lo. É a partir desse movimento que o adolescente passa a escolher determinados modelos e ideais com os quais busca se identificar.

Para Branje (2022)[6], desenvolver um senso de identidade coerente constitui uma das principais tarefas do desenvolvimento durante a adolescência. A identidade compreende um conjunto dinâmico de características, valores, crenças, experiências e projetos de vida que conferem ao indivíduo um senso de continuidade, singularidade e pertencimento. Trata-se de um processo construído ao longo das experiências vividas, que permite ao sujeito reconhecer-se como único e diferenciar-se dos demais[7].

Construída ao longo das experiências diárias, sejam elas positivas ou negativas, a identidade emerge das interações estabelecidas nos diferentes contextos relacionais, especialmente com pais e pares[6]. Com a crescente inserção das tecnologias digitais no cotidiano, esses processos passaram a ocorrer também nos espaços virtuais. Assim, as redes sociais passaram a desempenhar um papel importante na construção da identidade do sujeito contemporâneo, ampliando as possibilidades de interação, socialização e experimentação de diferentes formas de apresentação de si[8].

Nesses ambientes, os usuários têm a possibilidade de elaborar seus perfis e apresentar aspectos de sua identidade a partir do que percebem como desejável e socialmente aceito. As redes sociais tornam-se espaços privilegiados de expressão de si, nos quais os adolescentes sentem-se livres para expor suas identificações, seu estilo de vida e seus posicionamentos, buscando validação e reconhecimento social[8,9]. Dessa forma, para além de favorecerem a comunicação, esses ambientes participam ativamente da circulação de símbolos, valores e referências culturais que atravessam as subjetividades e influenciam os processos de construção identitária.

Diante da crescente presença das redes sociais no cotidiano juvenil e da influência que exercem sobre os processos de construção identitária, torna-se relevante ampliar pesquisas acerca da temática. Essa necessidade também se justifica pelo aumento da procura por atendimento médico e psicológico dessa população, cuja saúde e o desenvolvimento vêm sendo afetados pelo uso de celulares, jogos eletrônicos, Internet e redes sociais[10]. Além disso, o aumento da inserção dos adolescentes nas redes sociais amplia sua suscetibilidade às influências desse ambiente, bem como favorece o desenvolvimento de padrões de uso problemático das mídias digitais[11]. A intensificação do tempo de exposição às telas repercute sobre os modos de interação, os hábitos cotidianos e o desenvolvimento psicossocial dos adolescentes e seu núcleo familiar[12].

Diante desse cenário, torna-se necessário que a Psicologia acompanhe as novas demandas produzidas pela cultura digital. Conforme Martín-Baró (1997)[13], o fazer psicológico deve estar comprometido com a realidade concreta da população. Investigar a influência das redes sociais na construção da identidade dos adolescentes insere-se nesse compromisso, ao buscar compreender fenômenos contemporâneos relacionados ao desenvolvimento e à saúde mental dessa população. Assim, torna-se pertinente reunir e sintetizar as evidências disponíveis acerca dessa temática. Diante disso, este estudo teve como objetivo analisar, por meio de uma revisão sistemática da literatura, a influência das redes sociais na construção da identidade de adolescentes.

2. MATERIAL E MÉTODOS

O presente estudo consiste em uma revisão sistemática da literatura, conduzida com base nas recomendações do *Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses* (PRISMA), com o objetivo de identificar, analisar e sintetizar as evidências científicas acerca da influência das redes sociais na construção da identidade de adolescentes. Esse tipo de pesquisa caracteriza-se pela investigação de uma questão previamente definida, utilizando métodos sistemáticos para localizar, selecionar e analisar criticamente estudos relevantes sobre determinado tema[14].

A questão norteadora foi elaborada por meio da estratégia PICo (*Population*, *Interest*, *Context*), amplamente utilizada em revisões sistemáticas voltadas à investigação de fenômenos sociais e comportamentais. A população considerada correspondeu a adolescentes de 11 a 18 anos. O fenômeno de interesse referiu-se ao uso das redes sociais digitais e o contexto relacionou-se aos processos de construção da identidade. A partir desses elementos, formulou-se a seguinte questão:

"Como as redes sociais influenciam a construção da identidade de adolescentes de 11 a 18 anos?".

A estratégia de busca foi elaborada utilizando os seguintes descritores: adolescência, identidade e redes sociais, em português e inglês, incluindo termos como "adolescentes", "adolescência", "*teenagers*", "*identity*", "*identity construction*", "*identity formation*", "construção de identidade", "identidade na adolescência", "redes sociais", "*social networks*", "cultura digital" e "subjetividade". Os descritores foram empregados de forma isolada e combinados por meio do operador *booleano AND*, visando ampliar a sensibilidade da busca e recuperar o maior número possível de estudos relacionados ao objeto investigado.

As buscas foram realizadas entre dezembro de 2025 e fevereiro de 2026 nas bases de dados: Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), *PubMed*, *Scientific Electronic Library Online* (*SciELO*) e Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), selecionadas por contemplarem periódicos nacionais e internacionais, abrangendo áreas da Saúde, Psicologia, Educação e Ciências Sociais. Foram aplicados filtros específicos, contemplando o período de publicação entre 2020 e 2025, os idiomas português, inglês e espanhol, a disponibilidade do texto completo, e o acesso aberto.

Foram estabelecidos como critérios de inclusão: (1) artigos originais publicados entre 2020 e 2025; (2) artigos disponíveis na íntegra nos idiomas português, inglês ou espanhol; (3) estudos cuja população estudada fosse composta por adolescentes entre 11 e 18 anos; e (4) pesquisas que abordassem a relação entre as redes sociais digitais, a construção da identidade, a subjetividade, a autoapresentação ou o desenvolvimento identitário na adolescência. Foram excluídos: (a) estudos de revisão, livros, capítulos de livros, resenhas, dissertações e teses; (b) artigos sem acesso ao texto completo; (c) estudos cuja população não correspondesse à faixa etária estabelecida; e (d) pesquisas que não apresentassem relação direta com a temática investigada ou que não respondessem à questão norteadora.

O processo de seleção ocorreu em duas etapas. Inicialmente, duas pesquisadoras realizaram buscas independentes em todas as bases de dados, aplicando descritores e filtros previamente definidos e realizando a triagem inicial por meio da leitura de títulos e resumos. Em seguida, os resultados foram reunidos em uma planilha única, a fim de possibilitar a verificação de casos de duplicidade e a aplicação dos critérios de elegibilidade. As divergências entre as pesquisadoras foram resolvidas pela pesquisadora responsável pelo estudo, que realizou a avaliação final dos artigos e validou a amostra incluída na revisão.

As buscas independentes resultaram na identificação de 9.131 registros. Após a triagem dos títulos, 340 estudos foram pré-selecionados. A leitura dos resumos resultou em 83 artigos potencialmente elegíveis. Em seguida, foram removidos 37 registros duplicados, totalizando 46 estudos para a leitura na íntegra. Após a avaliação final realizada pela terceira pesquisadora, 14 artigos foram incluídos na amostra final. O fluxograma (Figura 1) apresenta detalhadamente as etapas de identificação, seleção, elegibilidade e inclusão dos estudos.

Os artigos incluídos foram submetidos a uma avaliação crítica adaptada a partir dos critérios do *Critical Appraisal Skills Programme* (CASP), considerando aspectos como clareza dos objetivos, adequação metodológica, descrição da amostra, pertinência dos instrumentos de coleta de dados, rigor da análise e coerência dos resultados apresentados. Para fins de classificação, os estudos receberam pontuação de 0 a 10, sendo considerados de alta qualidade aqueles com pontuação entre 8 e 10, de qualidade moderada aqueles com pontuação entre 5 e 7 e de baixa qualidade aqueles com pontuação inferior a 5.

Após a definição da amostra final, os artigos foram organizados em uma planilha padronizada no *Microsoft Excel* para a extração das seguintes informações: autores, ano de publicação, país de origem, objetivos, delineamento metodológico, instrumentos de coleta de dados, características da amostra e principais resultados. Após a extração dos dados, os resultados foram organizados e sintetizados por aproximação temática, originando categorias analíticas que subsidiaram a apresentação e a discussão dos achados.

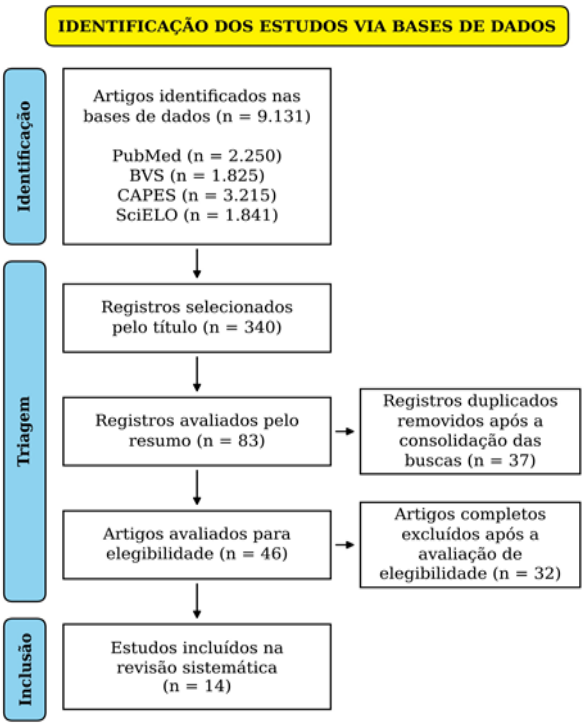


Figura 1. Fluxograma de coleta e seleção dos artigos nas bases de dados (PRISMA). **Fonte:** elaborada pelos autores (2026).

3. DESENVOLVIMENTO

3.1 Características dos estudos

A avaliação crítica indicou predominância de estudos com alta qualidade metodológica. Dos 14 artigos incluídos, 10 foram classificados como de alta qualidade e 4 como de qualidade moderada, não sendo

identificados estudos de baixa qualidade. As principais limitações observadas nos estudos classificados como moderados referiram-se ao reduzido tamanho amostral, à menor descrição dos procedimentos analíticos ou à ausência de informações mais detalhadas sobre os critérios de seleção dos participantes.

Os artigos foram publicados entre os anos de 2020 e 2025, com predominância de publicações no ano de 2023 (28,57%). Quanto ao idioma, observou-se maior frequência de estudos publicados em inglês (n=8), seguido do português (n=3) e do espanhol (n=3). A origem dos estudos é diversa, incluindo países como Brasil, Japão, Cazaquistão, Sérvia, Itália, Rússia, Colômbia, Espanha, Chile, China e Noruega, além da presença de um estudo transnacional realizado em 42 países e regiões da Europa e da América do Norte[15].

As principais características dos estudos selecionados são apresentadas na Tabela 1.

Tabela 1. Características e resultados dos estudos incluídos na revisão

AUTORIA	AMOSTRA	ASPECTOS INVESTIGADOS	ACHADOS PRINCIPAIS
Cipolletta *et al.* (2020)[16]	40 adolescentes de 11 a 16 anos	Uso do *Instagram*; Construção do *self*; Autoaceitação; Desejabilidade social; Isolamento social; *Feedback* social.	O *Instagram* funciona como um espaço de autoexpressão e construção identitária. A percepção de aceitação social depende do *feedback* recebido: as curtidas aumentam a autoaceitação e o sentimento de pertencimento, enquanto sua ausência favorece o sentimento de isolamento social.
Saparova *et al.* (2020)[17]	370 adolescentes de 13 a 18 anos	Redes sociais; Identidade digital; Socialização; Comunicação; Valores socioculturais.	As redes sociais atuam como um espaço central de socialização e construção da identidade, permitindo a autoexpressão, a experimentação de papéis sociais e a integração entre a identidade virtual e a real.
Del Prete e Redon Pantoja (2020)[18]	32 adolescentes de 12 a 18 anos	Redes sociais *online*; Identidade *online*; Socialização; Pertencimento; Reconhecimento social; Autoapresentação.	A identidade *online* depende da aceitação e do reconhecimento dos outros, influenciando a autoapresentação, o sentimento de pertencimento e a busca por validação social.
Jevtić e Milošević (2021)[19]	433 adolescentes de 15 a 18 anos	Consumo midiático; Valores sociais; Identidade; Literacia midiática.	A mídia influencia a formação da identidade, dos valores e do comportamento dos adolescentes. Os jovens identificaram maior presença de valores relacionados à aparência, à riqueza, à fama e à popularidade nos conteúdos midiáticos. O estudo ressalta a importância da literacia midiática e do desenvolvimento do pensamento crítico frente às mensagens veiculadas pela mídia.
Soldatova *et al.* (2022)[20]	396 adolescentes de 14 a 17 anos e 411 pais de 28 a 57 anos.	Identidade real; Identidade virtual; Identidade digital; Socialização digital; Autoconceito.	A identidade virtual e a identidade real dos adolescentes são complementares. As experiências digitais favorecem a construção de uma identidade híbrida, ampliando oportunidades de autodefinição, pertencimento social e expressão pessoal.
Silva *et al.* (2022)[21]	35 adolescentes	Mídias de entretenimento; Redes sociais; Identidade; Racismo; Machismo; Homofobia; Formação de opinião.	As mídias de entretenimento e as redes sociais influenciam a formação da identidade ao moldarem opiniões e percepções sobre racismo, machismo e homofobia, reforçando a importância do pensamento crítico frente aos conteúdos midiáticos.
Giraldo-Giraldo e Gómez-Gómez (2023)[22]	19 adolescentes	Redes sociais; Construção da identidade; Relações familiares; Relações de amizade; Comunicação digital.	As redes sociais atuam como mediadoras da construção da identidade, favorecendo a comunicação, a busca de informações, a aprendizagem e a interação com grupos de interesse. Os participantes reconheceram os benefícios e riscos dessas plataformas para suas relações sociais e para o desenvolvimento do *self*.
Serrate-González *et al.* (2023)[23]	2.076 adolescentes de 12 a 18 anos	Identidade digital; Redes sociais; Gênero; Idade; Autoapresentação; Comportamento *online*.	As redes sociais influenciam a construção da identidade digital, especialmente das meninas, que apresentam maior preocupação com a autoimagem, a aceitação social e o pertencimento. O ambiente *online* reforça estereótipos de gênero e afeta a autoestima e a percepção de si.
Spinelli e Portas (2023)[24]	16 estudantes	Consumo midiático; Redes sociais; Identidade; Socialização; Literacia midiática; Participação política.	A mídia constitui um importante agente socializador e influencia a construção da identidade, dos valores e da visão crítica dos adolescentes. As redes sociais são a principal fonte de informação, enquanto a família e a escola continuam exercendo papel relevante na orientação do consumo midiático e na formação cidadã dos jovens.
Iwasa *et al.* (2023)[25]	1.202 adolescentes (608 de 12-13 anos e 594 de 15-16 anos)	Identidade; Comportamento pró-social *online* e *offline*.	Comportamentos pró-sociais *online* e *offline* favorecem o desenvolvimento da identidade. As interações pró-sociais *online* estimulam a exploração identitária, enquanto as experiências *offline* estão associadas a níveis mais maduros de construção da identidade.
Boniel-Nissim *et al.* (2024)[15]	190.892 adolescentes de 11, 13 e 15 anos	Uso das redes sociais; Uso intensivo e problemático; Imagem corporal; Percepção do peso corporal; Sexo.	O uso intensivo e problemático das redes sociais esteve associado à percepção corporal negativa e à distorção da imagem corporal. As associações foram mais acentuadas entre as meninas, que apresentaram maior probabilidade de se perceberem acima ou abaixo do peso real.
Garcia *et al.* (2024)[26]	Adolescentes de 15 a 18 anos	Redes sociais; Comunidades virtuais; *Trends* digitais; Formação de opinião; Construção da identidade.	As redes sociais influenciam a construção da identidade e das opiniões dos adolescentes por meio de comunidades virtuais e algoritmos, reforçando padrões sociais, mas também estimulando reflexões críticas.
Aryal *et al.* (2025)[27]	1.982 adolescentes de 13 e 15 anos	Autoapresentação *online*; Comparação social;	O foco na autoapresentação e na comparação social nas redes sociais associou-se a menor bem-estar

		Bem-estar mental; Uso problemático das redes sociais; Gênero.	psicológico, especialmente entre as meninas. A busca por validação e a manutenção de uma imagem idealizada mostraram-se como fatores de risco para a saúde mental dos adolescentes.
Zhang (2025)[28]	6 pares de adolescentes chineses e seus pais (12 participantes)	Identidade digital; Autoapresentação nas redes sociais; Necessidades psicológicas; Mediação parental; Uso do *Douyin*	O uso do *Douyin* favorece a construção da identidade digital ao possibilitar autoexpressão, pertencimento e experimentação de diferentes aspectos do *self*. Esse processo é influenciado pelos algoritmos da plataforma, pelas interações sociais e pelas práticas parentais.

Fonte: elaborada pelos autores (2026), com base nos estudos incluídos na revisão.

As amostras dos estudos foram realizadas predominantemente com adolescentes entre 11 e 18 anos. A maioria investigou exclusivamente a perspectiva dos adolescentes (85,71%), enquanto apenas dois estudos incluíram também a participação dos pais (14,29%), buscando comparar percepções sobre aspectos relacionados à identidade e ao ambiente digital[20,28].

Observou-se a predominância de participantes do sexo feminino em nove estudos, em alguns casos com diferenças expressivas em relação ao número de participantes do sexo masculino. O estudo de Jevtić & Milosevic (2021)[19] se destaca nesse aspecto, com o número de 275 participantes do sexo feminino (63,5%) e 158 do sexo masculino (36,5%). Ressalta-se, também, que 28,57% dos estudos não informaram a distribuição dos participantes por gênero[18,21,22,26] enquanto apenas Zhang (2025)[28] apresentou o número igual de participantes para ambos os sexos.

Em relação aos dados sociodemográficos, 57,14% das pesquisas envolveram escolas públicas, particulares ou profissionalizantes; 35,71% dos estudos não informam tal contexto, enquanto 7,14% envolveram projetos sociais, como o estudo de Garcia *et al.* (2024)[26], que analisou as percepções e opiniões dos adolescentes participantes do Programa Trabalho Protegido na Adolescência (PTPA), no Rio de Janeiro.

Em relação ao contexto geográfico, apenas 28,57% da amostra envolve as áreas rural e urbana, enquanto 71,43% não abordaram diretamente a localidade. De modo geral, os estudos que apresentam a divisão de localidade apontam maior percentual de participação de residentes em áreas urbanas[17,19,23,25]. Tal métrica se exemplifica com o estudo de Saparova *et al.* (2000)[17], realizado no Cazaquistão, que contou com 83% de participantes do perímetro urbano e apenas 17% em áreas rurais.

Quanto às abordagens de coleta de dados referentes à temática, 7 estudos podem ser classificados como de caráter qualitativo (50,00%), enquanto 5 estudos são quantitativos (35,71%) e 2 de método misto (14,29%). As pesquisas utilizaram como instrumentos principalmente entrevistas e questionários, com 57,14% sendo presenciais, enquanto 42,86% dos estudos ocorreram de forma online, com envio de links aos participantes.

Embora apresentem objetivos específicos diversos, os estudos convergem ao investigar como a relação com as redes sociais afeta o desenvolvimento subjetivo do adolescente, incluindo a autoimagem, a autoapresentação, a aceitação, a interação social virtual e real e a construção da identidade. Além do conflito sobre o seu "eu real" e o seu "eu idealizado" e perspectiva dos pais em relação ao uso das redes sociais por esses adolescentes.

3.2 As redes sociais como um espaço de construção identitária na adolescência

Os estudos analisados indicam que as mídias digitais constituem espaços relevantes para processos de socialização, pertencimento, expressão e construção identitária entre adolescentes, além de influenciarem a formação de opiniões e valores por meio dos conteúdos consumidos[16-18,22,28]. Os estudos também evidenciaram que as experiências online e offline se articulam na construção da identidade, indicando a existência de uma identidade híbrida, na qual os processos de socialização e expressão não se restringem ao ambiente digital ou presencial[20,22].

Entre as redes sociais acessadas pelos adolescentes, destacam-se: Instagram, WhatsApp, TikTok e Twitter (X)[17,23,24,26], e, entre os adolescentes chineses, a plataforma Douyin[28].

O estudo de Spinelli & Portas (2023)[24] evidencia que os adolescentes utilizam as redes sociais tanto para entretenimento quanto para acesso à informação e conteúdo de interesse pessoal e social. Da mesma forma, Saparova *et al.* (2000)[17] mostram que a Internet é o principal meio de informação dos adolescentes entrevistados (87%), seu acesso é feito em casa (65%) e por meio de dispositivos móveis (62%).

Em relação aos possíveis impactos dos conteúdos midiáticos, Jevtić & Milosevic (2021)[19] identificaram que a exposição às mídias pode influenciar valores e o comportamento, estando associada à valorização de aspectos como materialismo, comportamentos de risco, violência e condutas antissociais. Os autores destacam que o conteúdo consumido nessa faixa etária pode exercer influência sobre a percepção e os modos de agir.

Garcia *et al.* (2024)[26] evidenciaram que determinadas trends presentes nas redes sociais estão associadas à valorização de estilos de vida e padrões relacionados ao consumo. Entre os adolescentes participantes da pesquisa, a trend "Clean Girl" foi reconhecida como um modelo de estilo de vida que não correspondia às suas experiências cotidianas fora das redes sociais. Além disso, as trends TradWife e Redpill foram identificadas pelos participantes como associadas à reprodução de papéis tradicionais de gênero e discursos misóginos.

Quanto à construção da identidade, a pesquisa de Saparova *et al.* (2000)[17] pontua como o espaço social influencia essa construção; seus resultados levam em conta a importância da interação por pares, dos

algoritmos, dos hobbies, da cultura, da localidade e dos valores, que são ensinados aos sujeitos por suas famílias. Del Prete & Redon Pantoja (2020)[18] mostram que a dinâmica da socialização em rede faz com que a relação com o outro seja uma parte constituinte da própria identidade. Entretanto, o trabalho de Iwasa *et al.* (2023)[25] pontua que não há como construir uma identidade coerente apenas de forma virtual, de modo que é por meio do comportamento pró-social offline que o adolescente desenvolve um status de identidade mais maduro.

3.3 A identidade entre os contextos online e offline

Del Prete & Redon Pantoja (2020)[18] observaram que a exposição dos adolescentes nas redes sociais ocorre de forma seletiva, privilegiando conteúdo considerado socialmente aceito. Os autores exploram o caráter autoapresentativo da identidade nas redes sociais, sugerindo que os adolescentes adaptam seu comportamento às expectativas percebidas de sua audiência online. Nesse contexto, a forma como se apresentam nas redes é influenciada pelos mecanismos de reconhecimento e validação social presentes nesses ambientes. O estudo também identificou a presença do medo de ficar de fora (*Fear of Missing Out* – FoMO), associado à inserção precoce dos adolescentes nas redes sociais e à necessidade constante de permanecer conectado aos acontecimentos e às interações do ambiente digital.

Os autores Cipolletta *et al.* (2020)[16] evidenciaram como o uso da plataforma Instagram impacta na autopercepção dos adolescentes, ao demonstrar que o recebimento de feedback positivo, como as curtidas (likes), esteve associado a maiores níveis de autoaceitação e de desejabilidade social. Em contrapartida, a ausência desse feedback esteve associada aos sentimentos de rejeição e solidão e à diminuição da autoestima.

Outro aspecto importante identificado por Zhang (2021)[28] refere-se ao funcionamento dos algoritmos das plataformas digitais, que direcionam conteúdo de acordo com o padrão de interações dos usuários. Dessa forma, o conteúdo que recebe maior quantidade de curtidas, visualizações e compartilhamentos tende a alcançar maior visibilidade, influenciando os adolescentes a reproduzirem comportamentos e formatos que obtêm reconhecimento social e elevado engajamento digital.

Adicionalmente, as pesquisas de Zhang (2021)[28] e Del Prete & Redon Pantoja (2020)[18] consideram o online e o offline como público e privado, e as redes sociais como uma vitrine. Os autores sugerem que diferentes contextos sociais favorecem diferentes formas de expressão e apresentação de si, levando os adolescentes a selecionarem cuidadosamente o conteúdo que compartilham nas redes sociais. Nesse processo, constroem suas identidades digitais a partir da observação e da incorporação do conteúdo popular que recebe um bom feedback de curtidas e reações positivas[28].

Soldatova *et al.* (2022)[20] e Giraldo-Giraldo & Gómez-Gómez (2023)[22] identificaram que a identidade virtual não constitui apenas uma versão idealizada do "eu online", uma vez que compõe a identidade real, formando uma identidade híbrida, a partir da qual aspectos online e offline coexistem e se influenciam mutuamente. Os estudos analisados também indicam que os adolescentes não percebem necessariamente os ambientes online e offline como espaços separados. As experiências vivenciadas nas redes sociais integram-se às relações e experiências cotidianas, participando conjuntamente dos processos de construção identitária[23].

3.4 Influência das redes sociais sobre o bem-estar psicológico e as diferenças individuais na adolescência

O comportamento dos adolescentes nas redes sociais varia conforme a idade[19,23]. O estudo de Iwasa *et al.* (2023)[25], ao investigar comportamentos pró-sociais de adolescentes japoneses em ambientes online e offline, identificou que os adolescentes mais velhos apresentavam maior envolvimento em ações pró-sociais online e níveis mais elevados de exploração identitária. Em contrapartida, aqueles no início da adolescência demonstraram maior participação em comportamentos pró-sociais offline e identidade ainda em formação. Os resultados indicam que o comportamento pró-social online está associado a estágios de maior exploração da identidade, enquanto o comportamento pró-social offline relaciona-se a estágios identitários mais maduros.

Também foram observadas diferenças importantes entre meninos e meninas quanto à forma de utilização das redes sociais. Serrate-González *et al.* (2023)[23] identificaram que os meninos preferem a plataforma YouTube e jogos eletrônicos, enquanto as meninas utilizam as redes sociais Instagram, WhatsApp, TikTok e Twitter (X). Além disso, as meninas relataram maior preocupação relacionada à exposição da própria imagem, à publicação de fotos e conteúdo de si e/ou do cotidiano, recorrendo frequentemente a ferramentas de edição de imagem para ajustar seus corpos aos padrões socialmente desejados. Já os meninos tendem a usar mais apelidos e fotos que favorecem maior anonimato.

Jevtić & Milosevic (2021)[19] destacam que a adolescência constitui um período de desenvolvimento marcado por maior sensibilidade às influências sociais e midiáticas. Os autores apontam que o uso problemático das redes sociais pode estar associado a prejuízos ao bem-estar psicológico dos adolescentes. Corroborando esses achados, a pesquisa de Aryal *et al.* (2025)[27] demonstrou que maiores níveis de preocupação com a autoapresentação digital estavam associados a menores índices de bem-estar psicológico. Os resultados também indicaram diferenças de gênero, evidenciando que as meninas apresentavam maior frequência de uso

problemático das redes sociais e níveis mais elevados de sofrimento psicológico.

Essas diferenças também se refletem na percepção da imagem corporal. Boniel-Nissim *et al.* (2024)[15] identificaram associações entre o uso problemático das redes sociais e a imagem corporal negativa. Os resultados indicaram maior frequência desse padrão entre adolescentes do sexo feminino, que apresentaram maior tendência à percepção de excesso de peso e maior insatisfação com a própria imagem corporal em comparação com os meninos.

Embora os estudos evidenciem potenciais riscos associados ao uso das redes sociais, também foram identificados aspectos positivos dessas plataformas. Giraldo-Giraldo & Gómez-Gómez (2023)[22] destacam que as redes sociais favorecem a exploração de interesses, a busca por informações e a ampliação das possibilidades de interação e inclusão social entre adolescentes. Os autores também apontam desafios relacionados à privacidade e à segurança digital, à redução das interações presenciais, aos impactos sobre o desempenho acadêmico e aos sentimentos de improdutividade.

Em conjunto, os estudos evidenciaram que as redes sociais apresentam características ambivalentes para os adolescentes. Ao mesmo tempo em que favorecem a exploração de interesses, a inclusão social e o acesso à informação, também se associam a preocupações relacionadas ao bem-estar psicológico, à autoimagem e às formas de interação social, sendo observadas diferenças importantes em função da idade e do gênero.

4. DISCUSSÃO

Os resultados desta revisão revelam que as plataformas digitais deixaram de ocupar apenas uma função instrumental de comunicação para se constituírem em espaços de socialização, pertencimento e produção de subjetividades, exercendo influência sobre a forma como os adolescentes se percebem e se relacionam consigo mesmos e com os outros. Esse cenário ocorre em um contexto de intensa conectividade. Dados da pesquisa *Health Behaviour in School-aged Children* (HBSC), realizada em países da Europa e da América do Norte, indicam que aproximadamente um terço dos adolescentes utiliza redes sociais de forma constante ao longo do dia[15]. Em consonância, Saparova *et al.* (2000)[17] observaram que adolescentes do Cazaquistão acessavam a Internet repetidamente ao longo do dia, evidenciando a necessidade permanente de permanecer conectado aos ambientes digitais.

O amplo acesso aos smartphones potencializa esse comportamento. No Brasil, a pesquisa TIC Kids Online Brasil[2] aponta que 98% dos adolescentes entre 15 e 17 anos utilizam o celular para acessar a Internet. A facilidade de acesso favorece a manutenção de um estado contínuo de conexão, podendo contribuir para padrões de uso problemático e comportamento de dependência. Nesse contexto, Esper[29] descreve a nomofobia como o medo de permanecer sem o telefone celular ou desconectado da Internet, condição caracterizada por comportamento como o uso intensivo do aparelho, a necessidade constante de verificar notificações e a ansiedade diante da impossibilidade de acesso às redes. De forma semelhante, Lima, Castro e Souza[30] destacam que a simples permanência conectada pode produzir sensação de segurança e tranquilidade, reforçando a necessidade de manter o vínculo permanente com os ambientes digitais.

Essa conectividade permanente não se explica apenas pelo uso excessivo ou pela dependência, mas também pelas possibilidades que o ambiente virtual oferece aos adolescentes para satisfazer necessidades de comunicação, pertencimento e exploração identitária. Em redes como o Instagram, na qual uma das principais funções é a postagem e o compartilhamento de fotos e vídeos, essas interações sociais podem elevar a autoestima, o sentimento de pertencimento e a autopercepção online, ocasionando um certo nível de bem-estar ao usuário[16].

Em contrapartida, o uso intenso das redes pode favorecer uma maior valorização das relações online, em detrimento das relações sociais presenciais com pessoas próximas do círculo social do indivíduo, como amigos e familiares[22,30]. Essa inclinação para o contato online pode acarretar deficiências psicológicas, como dificuldades nas habilidades de comunicação, falta de pensamento analítico e isolamento social[17], o que conduz o adolescente ao afastamento do mundo real[30].

Os adolescentes tendem a viver no âmbito virtual, uma vez que no contexto online encontram mais facilmente recursos para a comunicação, a socialização e, principalmente, para formular um perfil ou um "eu ideal" *online*[20]. Para um adolescente que perdeu sua identidade de criança e está em sua busca de uma nova identidade[5], essa configuração atual da realidade virtual recria aquilo que Lacan (1998)[31] formula como o "estádio do espelho", em que o espelho é uma identificação, de modo que o sujeito assume uma imagem e assim se transforma. Por isso, Lacan (1998)[31] diz que o Eu é Outro. Se a constituição do Eu ocorre mediada pelo olhar do outro, as plataformas digitais parecem introduzir novas formas de reconhecimento, diante das quais curtidas, comentários e seguidores adquirem importante valor simbólico.

No contexto das telas, o adolescente encontra novos "Outros", com os quais se espelha no conteúdo das redes, sendo com influenciadores digitais ou conteúdo de consumo que inspira modelos de comportamento e referências de identidade. Os adolescentes podem ser influenciados por essas personalidades por conta de alguma identificação encontrada ou por se inspirarem no influenciador como seu "eu ideal"[3]. Nesse processo, os influenciadores digitais deixam de representar apenas figuras de entretenimento e passam a funcionar como modelos identificatórios, oferecendo referências de comportamento, aparência, valores e estilos de vida que participam da construção da identidade dos adolescentes.

Na perspectiva lacaniana, o sujeito se constrói a partir da alteridade; é por meio do outro que se forma a imagem de si. Nesse sentido, as redes sociais oferecem um espaço permanente de exposição e busca por reconhecimento. O adolescente passa a se perceber não apenas a partir de sua própria experiência interna, mas também pela resposta que recebe do ambiente digital.

Nesse sentido, os resultados desta revisão sugerem que a construção da identidade dos adolescentes não ocorre com base em uma separação entre o mundo virtual e o mundo fora das telas. Os modelos, as identificações e as relações estabelecidas nas redes sociais atravessam também as experiências vividas em outros espaços, fazendo com que a busca pela identidade aconteça entre os diferentes contextos. Assim, as redes sociais não constituem uma realidade paralela, tendo em vista que fazem parte da vida cotidiana e se somam aos demais espaços de socialização e desenvolvimento.

Del Prete & Redon Pantoja (2020)[18] pontuam que essa identidade online, moldada pelos olhares dos outros, limita a liberdade e a autenticidade do adolescente. Para além disso, a formação da identidade online ocorre em um ritmo diferente do offline. Iwasa *et al.* (2023)[25] apresentam em seus resultados que adolescentes com mais comportamento online exploram ativamente suas opções de pertencimento e papel social, porém, apresentam maior demora em se realizar com a escolha, uma vez que, devido à vastidão que é a Internet e a sua multipolaridade, o adolescente tem a sua disposição inúmeros modelos a seguir. A constante exposição a essas imagens e a estilos de vida favorece a construção de ideais que nem sempre correspondem às possibilidades reais dos sujeitos, produzindo tensões entre aquilo que o adolescente é e aquilo que acredita que deveria ser. Esse prolongamento da exploração identitária pode ser compreendido como uma espécie de moratória, diante da qual o adolescente experimenta diferentes formas de pertencimento antes de consolidar suas escolhas.

Os achados também evidenciam que a relação com as redes sociais não ocorre de maneira homogênea, de modo que é atravessada por fatores como a idade e o gênero[25]. Os diferentes modos de utilização fazem com que meninos e meninas estabeleçam relações distintas com o conteúdo consumido e com as formas de interação disponíveis, o que repercute em experiências e consequências específicas para cada grupo. Assim, compreender a influência das redes sociais sobre a identidade dos adolescentes implica reconhecer que esse processo é singular e sofre interferências de fatores biológicos, psicológicos, sociais e culturais[15,19,23,25].

Entre as diferenças observadas, destaca-se o público feminino, que apresenta maior envolvimento com determinadas práticas das redes sociais[23]. O estudo de Boniel-Nissim *et al.* (2024)[15] demonstrou que o uso intensivo das mídias sociais e a percepção negativa da imagem corporal foram mais frequentes entre as meninas. Além disso, esse grupo é o que mais se expõe e o mais exposto às influências do ambiente digital. Serrate-González *et al.* (2023)[23] descrevem esse fenômeno como o "Paradoxo da Transparência", diante do qual as adolescentes vivem uma pressão constante para serem consideradas "reais", mas dentro de padrões rígidos de beleza e aceitação social, que influenciam sua autoimagem e o uso de filtros. Dessa forma, tornam-se mais vulneráveis ao uso problemático das redes sociais, à diminuição do bem-estar psicológico e ao desenvolvimento de uma percepção distorcida da própria imagem corporal[15,27].

Para Walker *et al.* (2021)[32], a disseminação de padrões de beleza irreais reforçados pela mídia e o crescimento do uso das redes sociais intensificam a pressão estética já existente, favorecendo a insatisfação corporal de garotas, que acabam por buscar formas de mudar a aparência, entre elas, procedimentos e cirurgias estéticas. Desse modo, observa-se um aumento no número de jovens que recorrem a procedimentos estéticos, o que sugere que o conteúdo visual compartilhado nessas plataformas pode influenciar o comportamento do usuário.

A aparência física constitui um aspecto importante da identidade pessoal. Entretanto, ao direcionar essa discussão para o público feminino, observa-se que a autoimagem assume um peso ainda maior, estando relacionada à autoestima e ao valor pessoal[16]. As pressões existentes nas redes refletem normas culturais e de gênero que definem quais comportamentos e aparências são considerados aceitáveis para mulheres e homens em determinados contextos sociais, sendo continuamente reproduzidos por diferentes instituições[33]. Dessa forma, a aparência deixa de representar apenas uma característica física e passa a constituir um importante marcador da identidade nas interações mediadas pelas redes sociais.

Outro aspecto evidenciado pelos estudos refere-se às formas de agrupamento e exclusão presentes no ambiente virtual. Assim como o mundo real, a realidade virtual também reproduz as desigualdades e os estereótipos tradicionais de gênero, raça e sexualidade[21]. Nas redes sociais, o discurso de ódio é evidente, isso porque os usuários encontram certa liberdade para se expressarem e/ou a possibilidade de se expressarem mediante o anonimato sem consequências imediatas[34].

Segundo Jesus & Nobre (2024)[34], o discurso de ódio no âmbito da análise psicanalítica compreende a expressão de angústias internas e/ou inseguranças que o indivíduo projeta no outro. O conceito freudiano de “narcisismo das pequenas diferenças”, retomado pelos autores, assemelha-se ao que é visto nos grupos das redes sociais: o ódio online é usado para reafirmar uma identidade abalada e os grupos online tendem a se agrupar em torno de semelhanças, para rejeitar o diferente.

Considerando os riscos associados ao uso das redes sociais identificados, Jevtić & Milosevic (2021)[19] pontuam a importância da alfabetização midiática e da consciência crítica ao consumir todo tipo de conteúdo sem ter filtros, assim como o papel da educação e da mediação parental nesse contexto. A mediação não deve se limitar ao controle do tempo de uso ou ao

estabelecimento de regras, de modo que deve envolver diálogo, orientação e acompanhamento das experiências digitais dos adolescentes, a fim de favorecer o desenvolvimento de competências para avaliar criticamente as informações, reconhecer riscos e utilizar as redes sociais de forma mais consciente. Para isso, a família e a escola desempenham funções complementares na promoção da educação digital, compartilhando a responsabilidade de formar usuários mais críticos e preparados para o ambiente virtual[12].

A principal limitação desta revisão refere-se ao reduzido número de estudos especificamente voltados à influência das redes sociais quanto à construção da identidade de adolescentes. Observou-se que o conceito de identidade é empregado em diferentes campos do conhecimento, envolvendo profissão, raça e gênero. Essa amplitude resultou na recuperação de grande número de estudos não relacionados ao objetivo desta revisão, tornando o processo de triagem mais complexo.

Também foi identificada uma escassez de estudos, especialmente no contexto brasileiro, que investiguem especificamente os efeitos das redes nos campos subjetivo e psicológico. Diante desse cenário, recomenda-se o desenvolvimento de estudos longitudinais e que avaliem os efeitos a longo prazo do uso das redes na construção da identidade de adolescentes, bem como pesquisas que utilizem métodos mistos, integrando abordagens quantitativas e qualitativas para oferecer uma compreensão mais integrada sobre a temática.

Destaca-se a importância de melhor explorar o universo das ‘‘trends’’, que a todo momento movimentam uma nova tendência a ser copiada. Além da necessidade de estudos que contemplem adolescentes residentes em áreas rurais, grupo pouco representado nas pesquisas analisadas, ampliando a representatividade das diferentes realidades socioculturais e fortalecendo a produção de conhecimento sobre o tema.

5. CONCLUSÃO

Esta revisão sistemática teve como objetivo compreender os efeitos das redes sociais na construção da identidade de adolescentes e as consequências da esfera virtual às relações humanas. Analisando as pesquisas selecionadas, parte-se da afirmativa de que a sociedade contemporânea tem as redes sociais e a Internet como um elemento indissociável da sua cultura, estando presentes em diferentes contextos socioculturais.

Quanto aos impactos do uso das redes nos indivíduos, as pesquisas analisadas apontaram efeitos ambivalentes: as redes atendem à necessidade que o adolescente tem de se comunicar, se expressar, pertencer a um grupo, se identificar com os pares, socializar e, principalmente, explorar sua identidade. Contudo, também podem intensificar processos de comparação social, sofrimento psíquico, dependência de validação externa e baixa autoestima corporal. Quanto ao bem-estar dos adolescentes online, os resultados das pesquisas consultadas indicam maior incidência de impactos negativos no público feminino, indicando diferenças importantes relacionadas ao gênero.

Considerando que a fase da adolescência constitui um processo marcado de reestruturação da identidade do sujeito, os achados indicaram que a identidade se mescla com elementos e experiências online e offline, as quais se complementam, formando uma identidade híbrida.

As pesquisas também demonstram que as redes sociais e a Internet são os principais meios de comunicação e informação que os adolescentes utilizam. Porém, as redes sociais foram programadas para a entrega de conteúdo conforme o algoritmo, podendo favorecer a exposição seletiva e reforçar determinadas perspectivas.

Diante desse cenário, torna-se fundamental promover a literacia midiática, fortalecendo o pensamento crítico para que os adolescentes desenvolvam uma relação mais consciente com o conteúdo consumido nas redes sociais. Isso implica compreender que aquilo que visualizam nas plataformas digitais não corresponde à totalidade da realidade social, sendo conteúdo selecionado e priorizado pelos algoritmos, capazes de reforçar determinados valores, comportamento e formas de percepção. Assim, espera-se que esses jovens não sejam apenas consumidores passivos de informação, mas sujeitos capazes de analisar, questionar e desconstruir discursos manipuladores presentes nos meios de comunicação. Nesse processo, torna-se igualmente importante fortalecer estratégias de educação digital e ampliar as ações de mediação parental, contribuindo para a formação de adultos mais críticos, conscientes e preparados para lidar com os desafios da cultura digital.

6. AGRADECIMENTOS

À Faculdade UMFG, pela oportunidade de crescimento pessoal e profissional, proporcionando um ambiente de aprendizado e desenvolvimento. Aos professores do curso de Psicologia, por todos os ensinamentos que foram de grande contribuição para nossa formação acadêmica e profissional.

7. REFERÊNCIAS

[1] Costa FM, Morais M, Souza CO, *et al.* O repensar das novas tecnologias e a saúde mental na adolescência e juventude: um desafio para o nosso tempo. Rev Cient Ambiente Acad [Internet]. 2020; 6(1). Disponível em: https://multivix.edu.br/wp-content/uploads/2020/07/revista-ambiente-academico-v06-n01-artigo05.pdf

[2] Comitê Gestor da Internet no Brasil. TIC Kids Online Brasil 2025: resumo executivo [Internet]. São Paulo: CGI.br; 2025 [acesso em 2026 maio 24]. Disponível em: https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/pt-br/20260317181001/tic_kids_online_2025_resumo_executivo.pdf.pdf

[3] Pérez-Torres V. Social media: a digital social mirror for identity development during adolescence. Curr Psychol. 2024; 43(26):22170-80. doi:10.1007/s12144-024-05980-z.

[4] Papalia DE, Feldman RD, Martorell G. Desenvolvimento

humano. 13ª ed. Porto Alegre: AMGH; 2016.
[5] Aberastury A, Knobel M. Adolescência normal: um enfoque psicanalítico. Porto Alegre: Artes Médicas; 1981.
[6] Branje S. Adolescent identity development in context. Curr Opin Psychol. 2022; 45:101286.
[7] Vitti SCA. Considerações sobre a construção da identidade. In: Santos RM, organizador. Ciências humanas em perspectiva: reflexões sobre cultura, sociedade e comportamento. Ponta Grossa: Atena; 2024. p. 1-11.
[8] Alves PJAF, Ricardo JC, Sebastião NIA. Redes sociais e a construção da identidade na juventude. Rev Ibero-Am Humanid Ciênc Educ [Internet]. 2025; 11(5):391-400. Disponível em: https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/18492
[9] Baptista TA, Gomes MM. Adolescência nas redes: produção e venda de identidade. Cuad Educ Desarro [Internet]. 2024; 16(1):3461-75 [acesso em 2025 out 4]. Disponível em: https://ojs.cuadernoseducacion.com/ojs/index.php/ced/article/view/3266
[10] Young KS, Abreu CN. Dependência de internet em crianças e adolescentes: fatores de risco, avaliação e tratamento. Porto Alegre: Artmed; 2019.
[11] Cantero JB, Meurer MFM, Vogt RL. A influência das redes sociais na adolescência: uma análise da perspectiva dos pais de adolescentes. Rev Contemp [Internet]. 2024; 4(12):1-23. Disponível em: https://ojs.revistacontemporanea.com/ojs/index.php/home/article/view/6929
[12] Machado CER, Santos AL, Grossi-Milani R. Telas e infância: mediação familiar e educação digital. Rev FAEEBA Educ Contemp. 2025;34(78):307-27.
[13] Martín-Baró I. O papel do psicólogo. Estud Psicol (Natal). 1997; 2(1):7-27.
[14] Galvão TF, Pansani TSA, Harrad D. Principais itens para relatar revisões sistemáticas e meta-análises: a recomendação PRISMA. Epidemiol Serv Saude. 2015; 24(2):335-42.
[15] Boniel-Nissim M, Bersia M, Canale N, *et al.* Different categories of social media use and their association with body image among adolescents in 42 countries. Int J Public Health. 2024; 69:1606944. doi: 10.3389/ijph.2024.1606944.
[16] Cipolletta S, Malighetti C, Cenedese C, *et al.* How can adolescents benefit from the use of social networks? The iGeneration on Instagram. Int J Environ Res Public Health. 2020; 17(19):6952. doi: 10.3390/ijerph17196952.
[17] Saparova DR, Kanagatova AM, Zhanbosinova AS, *et al.* Cultural/social media space of the digital generation. Space Cult India. 2020; 7(4):194-207. doi: 10.20896/saci.v7i4.535.
[18] Del Prete A, Redon Pantoja S. Las redes sociales on-line: espacios de socialización y definición de identidad. Psicoperspectivas. 2020; 19(1):86-96.
[19] Jevtić B, Milošević D. Adolescents' preferences for media content and their perceptions of dominant value orientations in the media. Probl Educ 21st Century. 2021; 79(1):34-46.
[20] Soldatova GU, Chigarkova SV, Ilyukhina SN. Real-self and virtual-self: identity matrices of adolescents and adults. Cult-Hist Psychol. 2022; 18(4):27-37.
[21] Silva RC, Costa IPC, Silva DOS, *et al.* Influência das mídias de entretenimento na construção dos jovens no sertão de Alagoas. Divers J [Internet]. 2022; 7(2). Disponível em: https://diversitasjournal.com.br/diversitas_journal/article/view/693
[22] Giraldo-Giraldo YD, Gómez-Gómez MM. Ser adolescente e relações mediadas pelas redes sociais na Internet. Hacia Promoc Salud [Internet]. 2023; 28(1):21-36. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0121-75772023000100021
[23] Serrate-González S, Sánchez-Rojo A, Andrade-Silva LE, *et al.* Identidad onlife: la cuestión del género y la edad en el comportamiento adolescente ante las redes. Comunicar. 2023; 31(75):9-20.
[24] Spinelli EM, Portas IA. A mídia como agente socializador e político: o consumo midiático de jovens no ensino médio. Contracampo. 2023; 42(2):1-15.
[25] Iwasa Y, Hihara S, Ishizaki K, *et al.* Identity development and online and offline prosocial behaviors among early and middle adolescents. Front Psychol. 2023; 14:1148347. doi: 10.3389/fpsyg.2023.1148347.
[26] Garcia CS, Villar GFG, Gomes MMFG, *et al.* Discutindo trends: como as comunidades virtuais afetam as percepções dos adolescentes do Programa de Trabalho Protegido na Adolescência. Interagir [Internet]. 2024; 38:17-38. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/interagir/article/view/85897
[27] Aryal R, Hjetland GJ, Haug E, *et al.* Online personas: associations between focus on self-presentation and social comparison on social media and mental well-being in early adolescence. Int J Public Health. 2025; 70:1608425. doi: 10.3389/ijph.2025.1608425.
[28] Zhang Q. The interplay of technology, family, and identity: Chinese adolescents' self-presentation on Douyin. Front Psychol. 2025; 16:1544224. doi: 10.3389/fpsyg.2025.1544224.
[29] Esper MV. Nomofobia, adolescência e distanciamento social. Rev Amazônica [Internet]. 2021;26(2):394-413. Disponível em: https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/amazonica/article/view/9058
[30] Lima RM, Castro R, Souza JCP. Adicção de aparelho celular na adolescência. Rev Contemp [Internet]. 2023; 3(10):18279-303 [acesso em 2026 jun 16]. Disponível em: https://ojs.revistacontemporanea.com/ojs/index.php/home/article/view/1951
[31] Lacan J. Escritos. Rio de Janeiro: Zahar; 1998.
[32] Walker CE, Krumhuber EG, Dayan S, *et al.* Effects of social media use on desire for cosmetic surgery among young women. Curr Psychol. 2021; 40:3355-64.
[33] Cislaghi B, Heise L. Gender norms and social norms: differences, similarities and why they matter in prevention science. Sociol Health Illn. 2020; 42(2):407-22. doi: 10.1111/1467-9566.13008.
[34] Jesus BP, Nobre TL. As bolhas sociais e o discurso de ódio nas redes sociais digitais. Cad Zygmunt Bauman [Internet]. 2024; 14(36). Disponível em: https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/bauman/article/view/25143.